

GILBERTO FREYRE

Creio que ninguém é contra o desenvolvimento econômico-tecnológico do Brasil. É necessário. Sem ele não chegaremos a ser aquela potência entrevista pelo olhar de mr. Kissinger: um eminente professor de Ciência do Homem e não apenas um dos maiores estadistas da nossa época.

Todos desejamos que o Brasil se desenvolva economicamente através de técnicas modernas. Que se modernize. Que a sua gente alcance índices mais altos de bem-estar social à base do econômico e do tecnológico.

Mas seria um erro o Brasil entregar-se de tal modo à mística do desenvolvimento — e este em termos apenas urbano-industriais e rodoviários — que deixasse de resguardar os característicos do que já é, em nosso País, uma cultura pan-nacional, constituída de culturas regionais, elaboradas através de séculos e num desses séculos, uma delas, agindo pelo todo, tendo se defendido a mão armada de um imperialismo mais atrevido: o holandês. Um imperialismo que provavelmente teria dado ao Brasil considerável desenvolvimento econômico e tecnológico. Um desenvolvimento primoroso em técnicas agro-industriais e em técnicas urbanas. Primoroso em transplantes de técnicas europeias para o trópico. Em mecanizações. Teria sido, no Brasil, superior, talvez, ao que, neste particular, fez em Java.

Mas dando ao Brasil apenas esses benefícios: descaracterizando o que, já no século 17, era uma cultura prenatalmente brasileira a antecipar-se ao que viria a ser uma ampla cultura nacional com atitudes, crenças, vivências, formas de convivência, artes, letras caracteristicamente brasileiras. Uma cultura, pelo seu conjunto de tropicalizações no setor biocultural, superior, em aspectos humana e culturalmente positivos, ao que seria uma cultura de todo colonial sub-européia embora tecnologicamente aprimorada.

Com tal cultura constituída por valores adaptados ao ambiente — que é um ambiente predominantemente tropical — e provados pelo tempo — quatro séculos existencialmente válidos durante os quais antagonismos, contrários, opostos, têm antes se equilibrado — vários deles se harmonizado — do que se defrontado como inimigos culturalmente mortais — o Brasil é uma Nação responsável por características nacionais dos quais não precisa abdicar ou aos quais não precisa renunciar para entregar-se, de corpo e alma, a impactos de desenvolvimento econômico ou de desenvolvimento tecnológico que atuem de fora para dentro sobre o que já são seus próprios desenvolvimentos abrangentemente sócio-culturais.

Pois precisamos considerar nos desenvolvimentos econômicos ou tecnológicos os que escapam ao qualificativo sociológico de ocorrências ou recorrências abrangentemente e criativamente culturais. No seu sentido sociológico todos sabemos que cultura tanto inclui artes, saberes, ciências, filosofias, crenças, jogos, refinamentos e vivência — inclusive lazer, e de convivência humana, relações de gentes com animais, plantas, natureza, como também usos cotidianos, práticas do dia-a-dia, técnicas, alimentos, bebidas, noções elementares de tempo.

Os desenvolvimentos econômicos e tecnológicos excessivamente acelerados, descontrolados, processados à revelia de valores outros de cultura, poluidores de ambientes e de paisagens, desequilibradores de ecologias, perturbadores da saúde de populações, quando deixados soltos, tornam-se nocivos a todos os complexos socioculturais regionais como é o Nordeste, ou o Centro-Sul ou nacionais, como é o Brasil. Fazem-se então necessários, em tais sociedades e culturas, esses controles, política e socialmente normativos, no sentido de equilíbrios de opostos e de



redução de velocidades. Um pouco daquela "inércia" admitida como, por vezes, saudável por alguns sociólogos.

Sou dos que pensam que a conciliação dos desenvolvimentismos econômicos e tecnológicos com outras formas de cultura — inclusive a defesa do meio ambiente — é problema político, isto é, problema a ser politicamente resolvido, sem que, no caso, o poder político precise de ser considerado noutros termos, além dos comparados por Bertrand Russell, filósofo anarcoconstrutivo de minha simpatia, em caráter simbólico. O controle pela coordenação de grandes energias em movimento comparado ao exercido, em escala pequena e cotidiana, pelo guarda que, nas ruas e praças. O que regula o tráfego.

O desenvolvimentismo econômico-tecnológico é uma energia cultural em movimento acelerado, por vezes excessivo, num sentido. Outras energias culturais, que atuam ou se movem noutros sentidos, precisam de ser defendidas dos ímpetus dessa energia em movimento acelerado: principalmente dos seus excessos de velocidade.

Entre essas outras energias culturais mais valiosamente criativas como energias regionais ou nacionais, as de ritmo lento como as que resistem ao tempo quase por aquela inércia que conserva artes, ciências, letras, filosofias, esportes, lazers, dos quais se pode dizer que são também expressões culturais, cada uma das quais com sua dinâmica. Mesmo as aparentemente quase imóveis ou quase arcaicas.

Pois cada elemento atuante, dentro de uma cultura nacional ou regional ou nela presente e dela característico, tem sua dinâmica, só faltando ao todo, ou ao supercomplexo cultural, desenvolvimento total constituído por desenvolvimentos particulares que, desconexos, precisam de ser coordenados, quando é um complexo moribundo. E sabemos que essas mortes ocorrem, ou têm ocorrido, com complexos culturais, quer regionais, quer nacionais.

Gilberto Freyre é sociólogo, ex-deputado federal, ex-deputado constituinte (1946), ex-delegado brasileiro à Assembleia Geral da ONU e autor do clássico "Casa Grande e Senzala".

OPINIÃO

30/9/79

FSP

DE S. PAULO

Tendências/Debates

assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

A Mística do Desenvolvimentismo